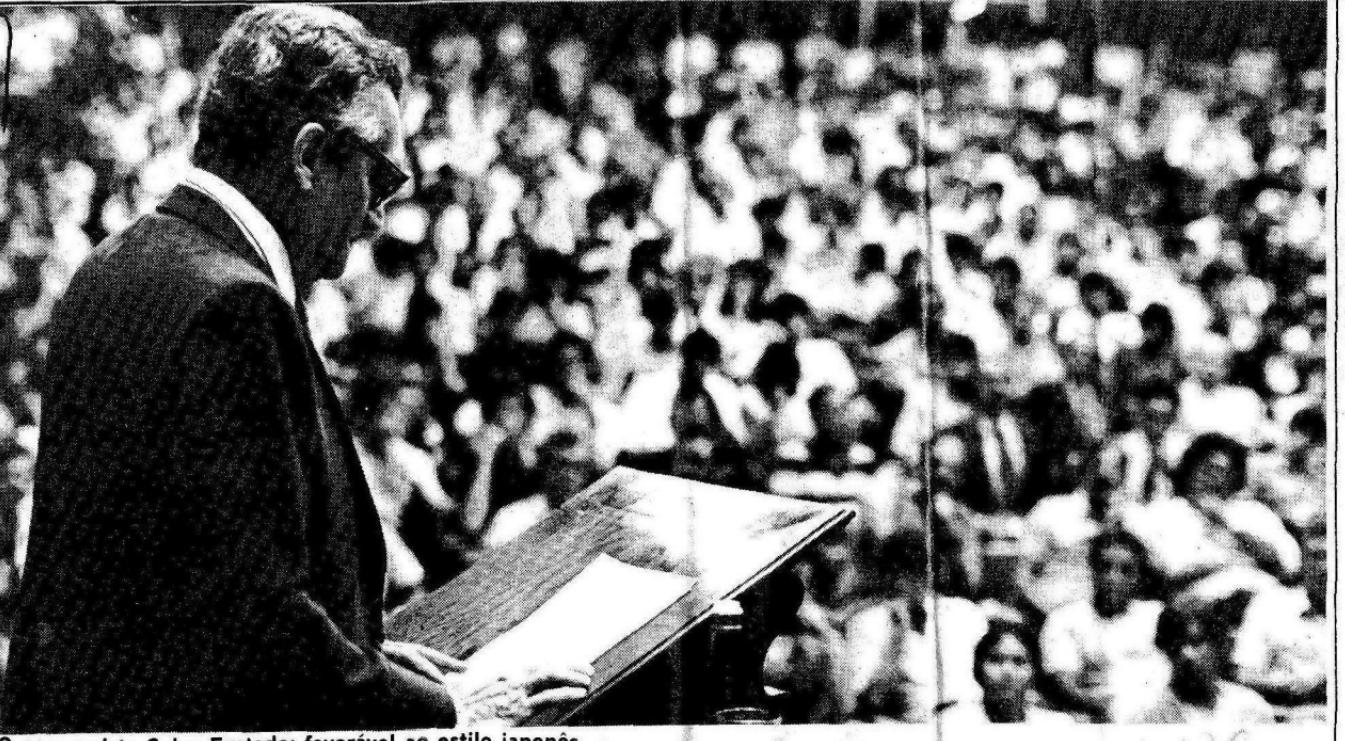


Juros sobem nos EUA. Pior para o Brasil.

A *prime rate* subiu 0,5%. E, se continuar assim, pode comprometer toda a política econômica do governo e do FMI, pois aumenta a dívida externa.



O economista Celso Furtado: favorável ao estilo japonês.

O anúncio de que a *prime-rate* — a taxa cobrada aos melhores clientes dos bancos norte-americanos — subiu 0,5% ontem pode ter dado início ao naufrágio da otimista projeção do governo brasileiro, que planejava pagar US\$ 10,6 bilhões de juros este ano. Como a *libor* — a taxa dos bancos londrinos — geralmente acompanha a evolução da *prime-rate*, e como 80% da dívida externa brasileira (de US\$ 100 bilhões) está sujeita a taxas flexíveis, essa alteração de 0,5% implicará um pagamento adicional de US\$ 400 milhões.

O ministro da Fazenda, Ernane Galvães, no começo do ano, advertiu que a política monetária norte-americana dificilmente permitiria a queda das taxas de juros e, se elas aumentassem, certamente as dificuldades do Brasil na área externa

se tornariam maiores. De qualquer modo, técnicos brasileiros e do Fundo Monetário Internacional elaboraram um balanço de pagamentos prevendo déficit de US\$ 14,4 bilhões na conta de serviços, dos quais US\$ 10,6 bilhões de juros líquidos, contra o pagamento de juros no montante de US\$ 9,6 bilhões ano passado e US\$ 11,4 bilhões em 1982.

Para 1984, o FMI estimava que as taxas internacionais de juros deveriam situar-se em 10% no primeiro trimestre e 9% no segundo.

O tremendo déficit fiscal norte-americano, porém, manteve as taxas elevadas, e Galvães alertava que as autoridades norte-americanas precisam examinar com carinho sua política econômica, sob pena de dificultar ainda mais a crise nos países endividados.